**Alocução no Cemitério – 1.11.2017** (16h30)

Cf. Papa Francisco, *Audiência*, 18.10.2017 e Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018, pp. 18-19

Vivemos ainda hoje a celebração de Todos os Santos, fixando os nossos olhos nos nossos irmãos e irmãs que nos fazem companhia, ao longo do nosso caminho na Terra, e são testemunhas da nossa esperança no Céu. Nesta visita ao cemitério, ao rezar convosco e com aqueles que partiram antes de nós e dormem o sono da paz, gostaria de pôr em confronto esta esperança cristã, com a realidade da morte, que a nossa civilização moderna tenta esconder ou descartar cada vez mais.

1. “No nosso tempo morre-se cada vez mais longe de casa e acentua-se a tendência social para *pôr a morte de lado*, para simplificar ou banir os ritos que lhe estavam associados, e que eram parte importante no processo de elaboração do luto, na assunção desta realidade como limite e possibilidade de consumação da vida, e ocasião propícia à afirmação e celebração da esperança cristã na ressurreição. Tende-se hoje a expulsar *literalmente* a morte do mundo dos vivos, da sociedade e do conceito de vida feliz, como se a felicidade se pudesse construir sobre a ilusão de não morrer. A morte aparece, cada vez mais, *encoberta* pela sociedade, que a quer fazer desaparecer do horizonte visível da casa e da família, da consciência, da conversão e do projeto de vida. Vista assim como uma entidade *estranha,* marginal, não faltam tentativas de a disfarçar, esconder, negar ou escamotear. Com os funerais simplificados ao máximo, o luto quase desapareceu. Por causa desta crescente *desritualização*, os que são provados pela morte dos seus entes queridos sentem-se esmagados entre o peso da sua dor e o do interdito da sociedade” (Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018, p. 18-19). Assim, quando a morte chega, seja para quem nos é próximo, seja para nós mesmos, não nos encontra preparados! Falta-nos hoje um “alfabeto” adequado para oferecer palavras reveladoras e decisivas diante de alguém que nos morre.

2. Poderíamos mesmo dizer que o homem nasceu e se afirmou como tal, precisamente com o culto dos mortos. O homem morre como as outras criaturas, mas é a única criatura que sabe que vai morrer. Assim, a morte põe a nossa vida a nu. Faz-nos descobrir que as nossas ações de orgulho, ira e ódio são vaidade, pura vaidade. Apercebemo-nos, desapontados, que não amámos o suficiente e que não procurámos o que era essencial. E, pelo contrário, vemos, a partir da morte, o que de verdadeiramente de bom semeámos: os afetos pelos quais nos sacrificamos e que agora nos levam pela mão. Então, o pensamento da morte é princípio de sabedoria, daquela sabedoria do coração. O Salmo 90 reza assim: «*Ensinai-nos, Senhor, a contar assim os nossos dias, para que guiemos o coração na sabedoria*» (v. 12). Contar os próprios dias faz com que o coração se torne sábio! Palavras que nos reconduzem a um realismo sadio, afastando de nós a ilusão e o delírio da omnipotência. O que somos? Somos «quase nada», diz outro Salmo (cf. 88, 48); os nossos dias passam velozes; mesmo se vivêssemos cem anos, no final teremos a impressão de que tudo foi um sopro. Muitas vezes ouvi idosos dizerem: “Para mim a vida passou como um sopro”.

3. Jesus iluminou o mistério da nossa morte. Ele ficou «profundamente» perturbado diante do túmulo do amigo Lázaro, e «desatou a chorar» (*Jo* 11,35). Nesta sua atitude, sentimos Jesus muito próximo, nosso irmão na dor, no luto. E vemo-l’O rezar ao Pai, fonte da vida, ordenando a Lázaro que saia do sepulcro. E assim acontece! A esperança cristã alimenta-se nesta atitude de Jesus contra a morte: mesmo estando presente na criação, a morte é uma cicatriz que deturpa o desígnio de amor de Deus e por isso o Salvador vem chamar-nos e resgatar-nos da morte para a Vida nova.

4. Jesus põe-nos neste “ápice” da fé. Ao choro de Marta pela morte do irmão Lázaro, Jesus contrapõe a luz da fé e a esperança no amor mais forte do que a morte: «*Eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim não morrerá jamais. Acreditas nisto?»* (*Jo* 11,25-26). Eis a pergunta que Jesus repete a cada um de nós, todas as vezes que a morte vem arrancar o tecido da vida e dos afetos! Toda a nossa existência se joga aqui, entre a vertente da fé e o precipício do medo. Que grande graça, se no momento da morte guardarmos no coração a pequena chama da fé, que as velas acesas nos recordam. Então Jesus guiar-nos-á pela mão.

5. No nosso Plano Diocesano de Pastoral (PDP 2017/2018, pp. 18-19) é destacada a necessidade de um maior cuidado pastoral por ocasião da morte. Precisamos, pois, de valorizar os gestos de acolhimento, de presença e de proximidade, de oração e de acompanhamento das pessoas, em situações de luto. A Igreja não pode alhear-se dos seus filhos, em situações tão dolorosas, como é esta, “*quando a morte crava o seu aguilhão*” (cf. *Misericordia et Misera*, n.º 15; AL, n.os 253-258). Por isso, exorto a que animemos de maior espírito pascal, de silêncio e de escuta, de canto e doçura, as nossas celebrações exequiais e formemos um grupo de oração, que acompanhe os velórios e aqueles para quem o luto é mais difícil.

6. Convido-vos, por fim, a fechar um pouco os olhos e a pensar no momento da nossa morte, em que Jesus virá para nos tomar pela mão, com a Sua ternura, a Sua mansidão, o Seu amor, e nos dirá: “*Vem, vem comigo, levanta-te*”. Deixemo-nos levar até Ele e elevar por Ele. Alcançaremos então a vida plena que esperávamos!

7. Esta é, pois, a nossa esperança, diante da morte. Para quem crê, é uma porta que se abre de par em par; para quem duvida é uma brecha de luz que filtra por uma porta que não se fechou completamente. Mas será para todos nós uma graça quando esta luz, do encontro com Jesus, nos iluminar por inteiro e contemplarmos a Deus face a face, exclamando, como o salmista: “*Na Tua Luz, Senhor, veremos a luz*” (*Sl* 36,9).

Padre Amaro Gonçalo

**Sugestões para a Liturgia da Palavra**

* 1.ª leitura: *Ap* 21,1-5a.6b-7: cf. Lecionário VIII, Missas pelos Defuntos, p. 1090
* Salmo 22/23 (ou outro): Lecionário VIII, Missas pelos Defuntos, pp. 1080-1081
* Jo 11,32-45 - cf. Lecionário VIII, Missas pelos Defuntos, pp. 1126-1127